

# Digitalização e os Novos Desafios Estratégicos do Brasil: Uma abordagem pedagógica

Palavras-chave: Relações Internacionais – Estudos Estratégicos – Teoria - Pedagogia

Pesquisador: Bruno Magno.

Prof. Orientador: José Miguel Quedi Martins.

## Introdução

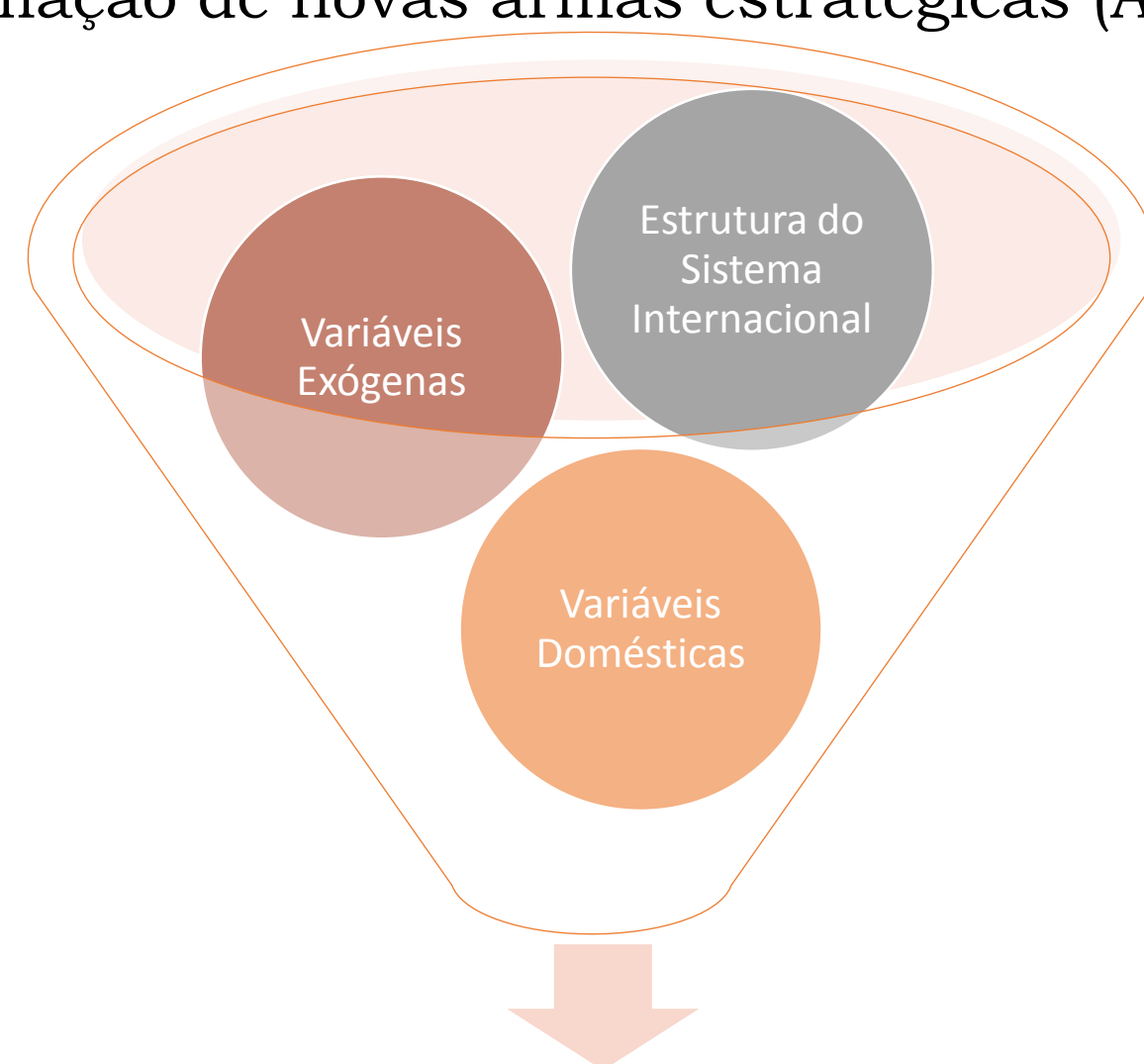
Esse trabalho é parte de um esforço coletivo, desenvolvido no âmbito do projeto de pesquisa Digitalização Como Fator De Inserção Internacional Do Brasil: Segurança, Integração E Desenvolvimento com apoio do GT de Políticas de Defesa, Inteligência e Segurança do CEGOV. Ele se propõe a desenvolver uma pedagogia para o ensino e pesquisa em Relações Internacionais e Estudos Estratégicos. O esforço parece justificar-se devido à necessidade da formação de profissionais capacitados a enfrentar os novos desafios estratégicos impostos ao Brasil. Desde 1996 o Brasil possui uma política declarada de defesa, recentemente esses acúmulos foram sintetizados nos decretos nº 6.011/2007 e nº 6.703/2008, que dispõem, respectivamente, do acordo militar Brasil-França e da Estratégia Nacional de Defesa, ambos publicitados no Livro Branco de Defesa Nacional. A sociedade, em particular a Universidade, não pode mais furtar-se de assumir sua parcela de responsabilidade na Defesa Nacional. A pretensão desse empreendimento coletivo é a de construir uma abordagem teórico-pedagógica, que sirva aos interesses nacionais, mantendo um perfil aberto multi e transdisciplinar.

## Discussão e Resultados

A ordem internacional é formada pela interação entre a estrutura do sistema internacional (polaridade e instituições) com suas unidades constituintes (Estados e sociedades) e pela evolução de variáveis contextuais exógenas (transição demográfica, mudança tecnológica e transição energética). Ela se constitui como um sistema complexo cuja característica definidora é a de não poder ser controlado, apenas influenciado se compreendido intimamente (RONIS, 2013, p.5).

A atual ordem internacional se caracteriza pela multipolaridade desequilibrada na qual, apesar dos EUA manterem superioridade no âmbito das capacidades convencionais, China e Rússia também detêm simultaneamente capacidades nucleares de segundo ataque, comando do espaço e inexpugnabilidade. A configuração institucional se distingue pela convivência entre o sistema ONU no âmbito global e iniciativas regionais de governança na qual países regionalmente destacados como o Brasil exercem um papel fundamental. Por sua vez, o ambiente pressiona estruturalmente os Estados através do processo de transição demográfica (crescimento da população mundial e redução da força de trabalho nos países desenvolvidos), transição energética (aumento na demanda por energia e mudanças na matriz) e a digitalização (confluência tecnológica que integra diversos tipos de dados sob o controle do computador) (MARTINS, 2008; CEPIK, 2014).

Destacamos que o atual processo de transição tecnológica deve levar em consideração questões como o impacto do processo de digitalização e a capacidade de comando ou controle de domínios comuns (espaço, espaço aéreo e águas internacionais). A digitalização, trouxe transformações para o campo militar que se estendem do sistema de C4ISR, avanço de sistemas de guiagem de projéteis, alterações na produção de armamentos e na conformação de novas armas estratégicas (Ávila, 2009).



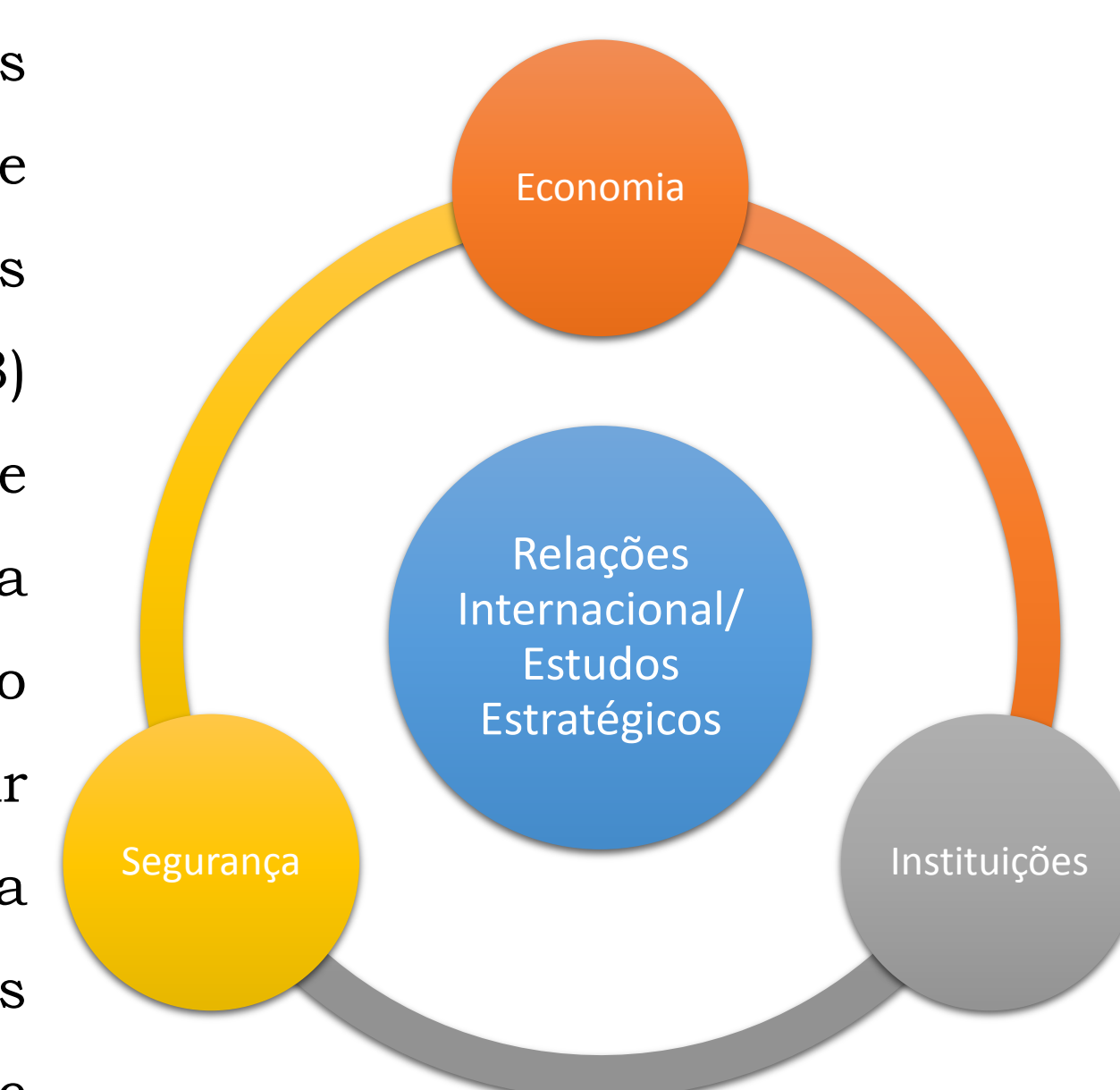
Grande Estratégia

A grande estratégia de um país deve desenvolver um projeto de Estado capaz de utilizar os instrumentos de poder nacional para a obtenção de objetivos realistas frente a complexidade da ordem internacional. Ela deve ser a ponte que integre as esferas econômica, institucional e militar aos objetivos políticos do Estado. Portanto, se constitui como um processo multidisciplinar de planejamento e constante adaptação a um ambiente no qual o acaso e a incerteza dominam (BAYLIS & WIRTZ, 2006, p.4).

No caso brasileiro, a emergência de um sistema internacional multipolar impõe ao Brasil novos desafios no que tange a formulação de uma política externa e de defesa coerente e forte. Diante das incertezas de um sistema multipolar, o Brasil precisa estar preparado para defender seu território e riquezas de ameaças e agressões externas. Nesse sentido, é primordial que nosso país acelere o processo de desenvolvimento tecnológico e aprimore o conhecimento nas áreas estratégicas para uma Política de Defesa Nacional consistente. A Estratégia Nacional de Defesa de 2008 estabelece que o Brasil deve “fortalecer três setores de importância estratégica: o espacial, o cibernético e o nuclear” (BRASIL, 2008, p.12). Cada braço das Forças Armadas é responsável pelo controle de uma dessas áreas: cabe à marinha o desenvolvimento de energia nuclear; ao exército a segurança cibernética e à aeronáutica o controle do espaço. Ademais, destaca-se a necessidade de formação de capital humano capaz de abordar estrategicamente os desafios impostos ao Brasil, ou seja, estabelecer “um conjunto prudente de ideias para empregar os instrumentos de poder nacional de maneira sincronizada e integrada para o alcance dos objetivos nacionais” (USA, 2011, p.350, tradução livre).

## Metodologia

Propõe-se uma metodologia para ensino e pesquisa em Relações Internacionais e Estudos Estratégicos subdividida em 4 níveis: (1) Abordagem composta de estrutura, situação e conjuntura; (2) Objetos compreendendo economia, segurança e instituições; (3) Interdisciplinaridade entre Economia, História e Estudos Estratégicos; (4) O estudo da guerra compreendendo Estratégia, Operações e Tática como categorias analítico descritivas. Espera-se que a partir dessa nova abordagem se possa tornar o ensino e a pesquisa em Relações Internacionais e Estudos Estratégicos mais adaptados aos desafios, objetivos e interesses do Brasil e de sua inserção no Sistema Internacional



## Conclusões Parciais

A metodologia proposta vem sendo aplicada nas disciplinas de Análise de Conjuntura, Relações Internacionais Contemporâneas e Segurança Internacional do curso de Relações Internacionais da UFRGS. Durante o curso destas disciplinas, os alunos são induzidos a pensar de maneira interdisciplinar, associando as tradicionais áreas de estudo de relações internacionais como história e economia com o estudo da guerra. Dessa maneira, o conteúdo programático das disciplinas integra uma perspectiva estrutural do sistema internacional, das variáveis exógenas e das dinâmicas internas aos estados. Nesse sentido, foram publicados dois livros compilando os estudos de casos, produzidos pelos alunos, sobre a política externa e de segurança de diferentes Estados.

## Referências Bibliográficas

BAYLIS, John; WIRTZ, James; COHEN, Eliot; GRAY, Colin (Ed.). *Strategy in the Contemporary World: an introduction to strategic studies*. Oxford (RU): Oxford University Press, 2006. CEPIK, Marco. *Segurança Internacional: Da Ordem Internacional aos Desafios para a América do Sul e para a CELAC*. In: ECHANDI, Isabel; SORIA, Adrán. (Org.). *Desafios estratégicos Del regionalismo contemporáneo: CELAC e Iberoamérica*. 1 ed. San Jose: FLACSO, 2013, p. 307-324. MARTINS, José Miguel. *Digitalização e Guerra Local como Fatores do Equilíbrio Internacional*. Tese de Doutorado, PPG de Ciência Política, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2008. MEARSHEIMER, John. *The Tragedy of Great Power Politics*. New York, Norton, 2001. POSEN, Barry R. (2003). *Command of the Commons: The Military Foundation of U.S. Hegemony*. *International Security*. Vol. 28, Nº 1. MIT Press Journals, 2003. p. 5-46. WALTZ, Kenneth. *Realism and International Politics*. New York, Routledge, 2008